PRIMEIRO LIVRO DE POESIA

Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência

Selecção de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ilustrações de Júlio Resende

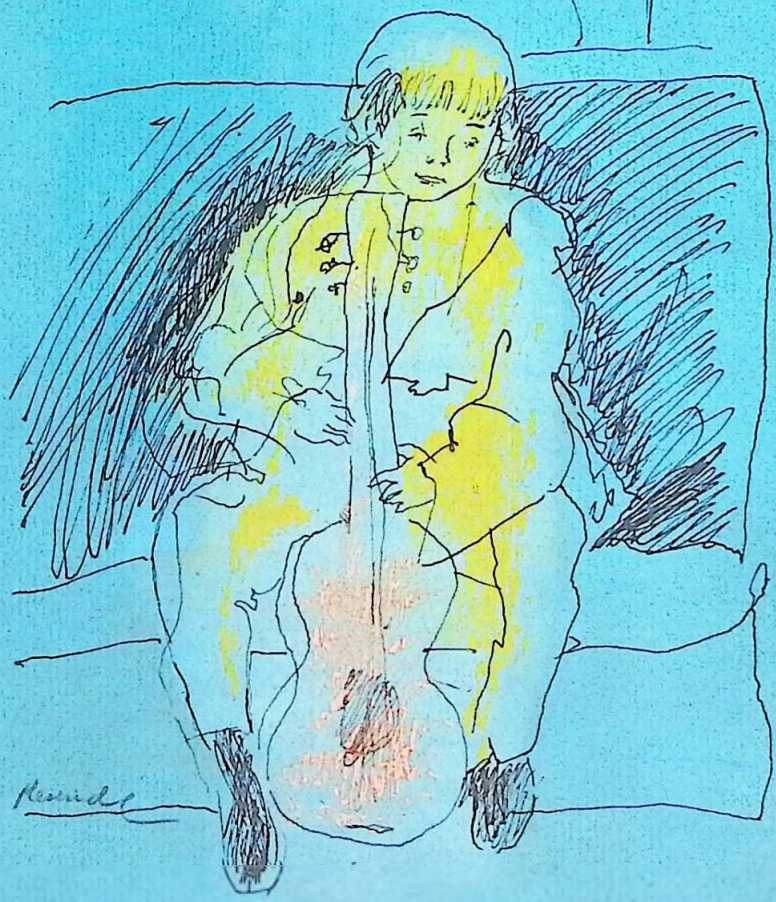
CAMINHO

PRIMEIRO LIVRO DE POESIA

Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência

Selecção de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ilustrações de Júlio Resende



CAMINHO

PRIMEIRO LIVRO DE POESIA

Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência

Selecção de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ilustrações de Júlio Resende

6.ª edição

CAMINHO

O PRIMEIRO LIVRO DE POESIA
(6.ª edição)
Selecção de Sophia de Mello Breyner Andresen
Ilustrações de Júlio Resende
Arranjo gráfico: Secção Gráfica da Editorial Caminho
© Editorial Caminho e Sophia de Mello Breyner Andresen
Tiragem: 5000 exemplares
Impressão e acabamento: Printer Portuguesa
Data de impressão: Janeiro de 1999
Depósito legal n.º 49 270/91
ISBN 972-21-0597-3

www.editorial-caminho.pt

Índice

13 Cantiga dos Reis, popular, Portugal
14 A Sant'Ana, tradicional, Portugal
15 Branca estais e colorada, Gil Vicente, Portugal
16 O pastor, Eugénio de Andrade, Portugal
18 A borboleta, Odylo Costa, Filho, Brasil
19 Os coelhinhos, Odylo Costa, Filho, Brasil
20 Boa noite, Sidónio Muralha, Portugal
22 Acalanto de John Talbot, Manuel Bandeira, Brasil
23 A íbis, Fernando Pessoa, Portugal
25 Canção de Leonoreta, Eugénio de Andrade, Portugal
26 Casamento da franga, Jaime Cortesão, Portugal
28 A cigarra e a formiga, Bocage, Portugal
30 O burro, Mutimati, Moçambique
32 A manhã de São João, romance popular, Portugal
35 Instante, Miguel Torga, Portugal
36 Serão de menino, Viriato da Cruz, Angola
38 A nau Catrineta, romance popular, Portugal
43 Epigrama, Bocage, Portugal
44 O ferro, Mutimati, Moçambique

48 A rainha de Kachmir, Gomes Leal, Portugal
52 Lenda de Santa Iria, romance popular, Portugal
55 Alforreca e Faneca, Violeta Figueiredo, Portugal
56 Santos, Ribeiro Couto, Brasil
59 Porto Grande, Terêncio Anahory, Cabo Verde
62 Cão, Alexandre O'Neill, Portugal
65 Ao desconcerto do mundo, Luís de Camões, Portugal
66 «Experimenta falar», Alexandre O'Neill, Portugal
67 «Não ouvi bem», Alexandre O'Neill, Portugal
68 O velho palácio, Gomes Leal, Portugal
70 O último adeus dum combatente, Vasco Cabral, Guiné-Bissau
72 O moringue, Henrique Guerra, Angola
73 Irene no céu, Manuel Bandeira, Brasil
74 Lá no Água Grande, Alda do Espírito Santo, São Tomé e Príncipe
76 História antiga, Miguel Torga, Portugal
78 Café, Ribeiro Couto, Brasil
79 Natal chique, Vitorino Nemésio, Portugal
80 Trem de ferro, Manuel Bandeira, Brasil
82 Os Reis Magos, Gomes Leal, Portugal
88 As caravelas, Luís de Camões, Portugal
90 O Adamastor, Luís de Camões, Portugal
92 Romance de Tomasinho-Cara-Feia, Daniel Filipe, Cabo Verde
94 Retrato de Tritão, filho do rei do mar, Luís de Camões, Portugal
95 Menino de Timor, Jorge Barros Duarte, Timor
98 Clamor, Pedro Homem de Melo, Portugal
100 Soneto, Luís de Camões, Portugal
101 Vinde, ó pobres, Jorge de Lima, Brasil
102 Quitandeira de Luanda, Maria Eugénia Lima, Angola

104 Lianor, Luís de Camões, Portugal
105 Cantiga partindo-se, João Roiz de Castelo Branco, Portugal
106 Endechas a Bárbara escrava, Luís de Camões, Portugal
108 Mãe negra, Aguinaldo Fonseca, Cabo Verde
111 Visão, Caetano da Costa Alegre, São Tomé e Príncipe
113 O mostrengo, Fernando Pessoa, Portugal
115 Meninas e meninos, Fernando Sylvan, Timor
116 «Não vale a pena pisar», Manuel Rui, Angola
117 Magaíça, Reinaldo Ferreira, Moçambique
118 Canção de uma sombra, Teixeira de Pascoais, Portugal
120 Lusitânia no Bairro Latino, António Nobre, Portugal
124 Prelúdio, Jorge Barbosa, Cabo Verde
127 Serranilha, Gil Vicente, Portugal
129 País natal, António Baticã Ferreira, Guiné
130 Negra, Noémia de Sousa, Moçambique
132 Santo e senha, Miguel Torga, Portugal
133 O futebol brasileiro evocado da Europa, João Cabral de Melo Neto, Brasil
134 O menino da sua mãe, Fernando Pessoa, Portugal
136 O pescador velho, Glória de Sant'Anna, Moçambique
138 Quero ser tambor, José Craveirinha, Moçambique
141 Horizonte, Fernando Pessoa, Portugal
144 Cantiga de amigo, D. Dinis, Portugal
146 Baylada, Airas Nunes, Portugal
148 Caçada, Rui Bueti, Angola
150 Teus olhos, Ruy Cinatti, Portugal
152 São meus estes rios, Manuel Lima, Angola
153 Exílio, Jorge Lauten, Timor
154 Ao meu belo pai ex-emigrante, José Craveirinha, Moçambique

163 O sentimento dum ocidental, Cesário Verde, Portugal
167 Não mais sob a árvore de Bô, Jorge Lauten, Timor
168 Poema do pacto de sangue, traduzido por Ruy Cinatti, Portugal/Timor
170 Mãos, Francisco José Tenreiro, São Tomé e Príncipe
174 A criança recém-nascida, João Cabral de Melo Neto, Brasil
181 GLOSSÁRIO
185 POSFÁCIO

Casem-se os poetas
com a respiração do Mundo

Baltazar Lopes
(Osvaldo Alcântara)

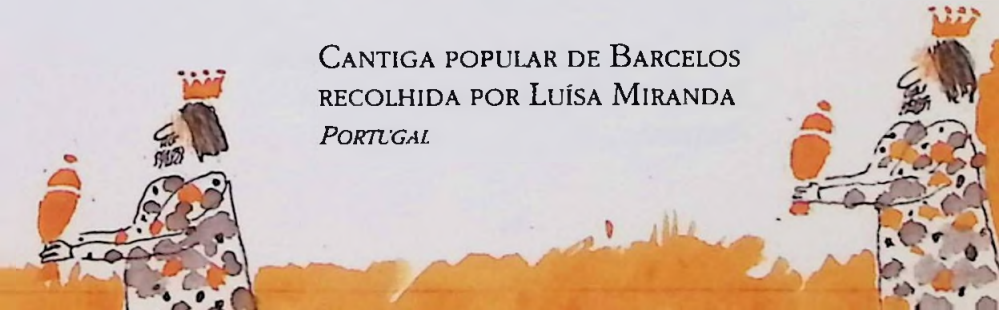
Cantiga dos Reis

Santos Reis, santos coroados
Vinde ver quem vos coroou
Foi a Virgem, mãe sagrada,
Quando por aqui passou.

O caminho era torto
Uma estrela vos guiou
Em cima de uma cabana
Essa estrela se pousou.

A cabana era pequena
Não cabiam todos três;
Adoraram Deus-Menino
Cada um por sua vez.

Cantiga popular de Barcelos
recolhida por Luísa Miranda
Portugal



A Sant'Ana

Senhora Sant' Ana
Subiu ao monte;
Onde se sentou
Nasceu uma fonte.
Vieram os anjos
Beberam dela.
Que água tão boa!
Que senhora tão bela!

Poema tradicional recolhido por
Fernando Castro Pires de Lima
Portugal

Branca estais e colorada

Branca estais e colorada
Virgem sagrada
Em Belém, vila de amor
da rosa nasceu a flor
Virgem sagrada!
Em Belém, vila de amor
nasceu a rosa do rosal,
Virgem sagrada!
Da rosa nasceu a flor
para nosso Salvador:
Virgem sagrada!
Nasceu a rosa do rosal,
Deus e homem natural:
Virgem sagrada!

Gil Vicente
Portugal

O PASTOR

Pastor, pastorinho,
onde vais sozinho?

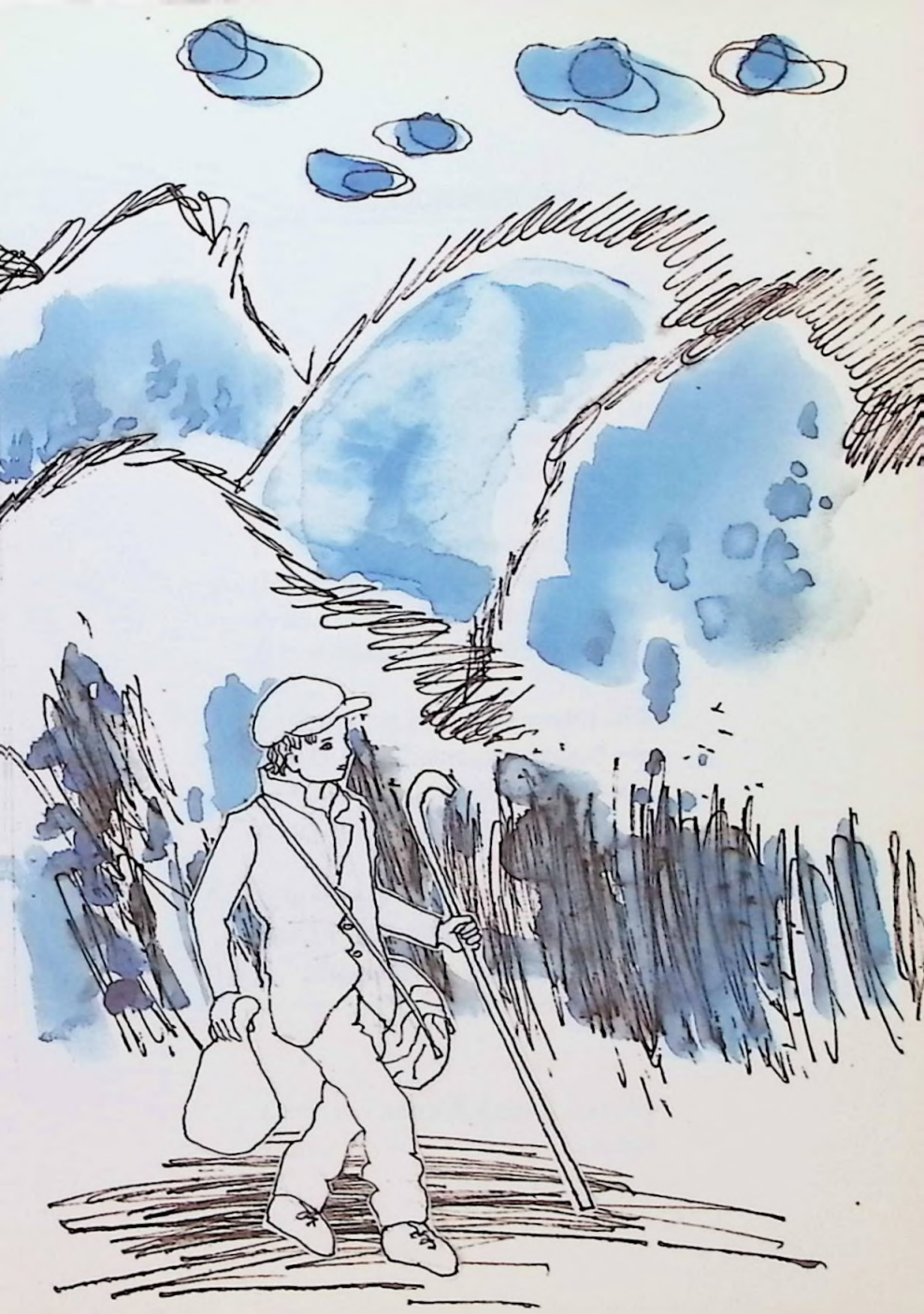
Vou àquela serra
buscar uma ovelha.

Porque vais sozinho,
pastor, pastorinho?

Não tenho ninguém
que me queira bem.

Não tens um amigo?
Deixa-me ir contigo.

EUGÉNIO DE ANDRADE
PORTUGAL



A BORBOLETA

De manhã bem cedo
uma borboleta
saiu do casulo.
Era parda e preta.

Foi beber ao açude.
Viu-se dentro da água.
E se achou tão feia
que morreu de mágoa.

Ela não sabia
— boba! — que Deus deu
para cada bicho
a cor que escolheu.

Um anjo a levou,
Deus ralhou com ela,
mas deu roupa nova
azul e amarela.

ODYLO COSTA, FILHO
BRASIL

Os coelhinhos

Iam dois coelhinhos
andando apressados
para o céu — com medo
de serem caçados.

E também com medo
de passarem fome.
Pois — quando não dorme —
o coelhinho come.

E ainda tinha os filhos
que a coelha esperava...
O Céu era longe
e a fome era brava.

Jesus riu, com pena:
fez brotar da Lua
— para eles — florestas
de cenoura crua.

Odylo Costa, Filho
Brasil

Boa noite

A zebra quis
ir passear
mas a infeliz
foi para a cama

— teve de se deitar
porque estava de pijama.

Sidónio Muralha
Portugal

Dorme, meu filhinho,
Dorme sossegado.
Dorme, que a teu lado
Cantarei baixinho.
O dia não tarda...
Vai amanhecer:
Como é frio o ar!
O anjinho da guarda
Que o Senhor te deu,
Pode adormecer
Pode descansar,
Que te guardo eu.

MANUEL BANDEIRA
BRASIL

A íbis

A íbis, a ave do Egipto
Pousa sempre sobre um só pé
O que é
Esquisito:
É uma ave sossegada
Porque assim não anda nada.

Fernando Pessoa
Portugal

Canção de Leonoreta

Borboleta, borboleta,
flor do ar,
onde vais, que me não levas?
Onde vais tu, Leonoreta?

Vou ao rio, e tenho pressa,
não te ponhas no caminho.
Vou ver o jacarandá,
que já deve estar florido.

Leonoreta, Leonoreta,
que me não levas contigo.

Eugénio de Andrade
Portugal

Casamento da franga

Diz o Galo
Para a Galinha:
— Quando casaremos
A nossa filhinha?
Casaremos
Ou não casaremos:
Agora o noivo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Gato
Do seu mural:
«Eu estou pronto
Para me ir casar.»
— Agora o noivo
já nós cá temos;
agora a madrinha
D'onde a arranjaremos?

Salta a Cabra
Da sua casinha:
«Eu estou pronta
P'ra ser madrinha.»
— Agora a madrinha
Já nós cá temos;
Agora o padrinho
D'onde o arranjaremos?

Salta o Rato
Do seu buraquinho:
«Eu estou pronto
P'ra ser padrinho.»
— Agora padrinho
Já nós cá temos;
Agora o padre
D'onde o arranjaremos?

Salta o Escaravelho
Do seu escaravelhar
«Eu estou pronto
Para os ir casar.»
— Agora o padre
Já nós cá temos:
Agora o chibo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Lobo
Do seu lobal:
«Eu estou pronto
P'rò chibo dar.»
Chibo já nós cá temos;
Agora o vinho
D'onde o arranjaremos?

Salta o Mosquito
Do seu mosquital:
«Eu estou pronto
P'rò vinho dar.»
— Agora o vinho.
Já nós cá temos;
Agora o trigo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Pardal,
Do seu ninho estar:
«Eu estou pronto
P'ra o trigo dar.»

Acabou-se a boda
Com tal desatino;
Veio o noivo
Engoliu o padrinho.

JAIME CORTESÃO
PORTUGAL

A CIGARRA E A FORMIGA

(Traduzido de La Fontaine)

Tendo a cigarra em cantigas
Passado todo o verão
Achou-se em extrema penúria
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

«Amiga (diz a cigarra),
Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes d'Agosto
Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta.
«No verão em que lidavas?»
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
«Ah! bravo! (torna a formiga)
— Cantavas? Pois dança agora.»

BOCAGE
PORTUGAL

O BURRO

Vejam o burro, Camaradas
Esta zebra pequena vestida de lama bonita fofa
Tem quatro pernas de andar aos saltinhos
Duas orelhas ouvidouras de ouvir tudo bem
Dois olhos espertos cheios até às lágrimas
[de paciência
O nariz do focinho muito fresco e macio.

O burro é burro, Camaradas?
Quem diz que é burro e despreza este companheiro?

Quem quiser ofender-me não me chame de burro
Quem quiser ofender-me não seja tão amável!
Quem quiser ofender-me inventa outra palavra
Porque chamar-me burro lembra-me burro mesmo
E não posso magoar-me com simpatia.

Não estou a defender o amigo útil somente
Não estou a pensar bem deste que faz o meu esforço
[e puxa
Não penso que ele me ouve tudo e puxa mais forte
[assim.
Há coisas deste companheiro para pensar melhor
[e espalhar.
Falo agora somente só de simpatia.

MUTIMATI
MOÇAMBIQUE

A manhã de S. João

Manhaninha de S. João
Pela manhã de alvorada
Jesus Cristo se passeia
Ao redor da fonte clara.
Por sua boca dizia,
Por sua boca falava:
Esta água fica benta
E a fonte fica sagrada.
Ouviu a filha d'el-rei
D'altas torres donde estava.
Vestiu suas meias de seda,
Calçou sapatos de prata,
Pegou em cântaro d'ouro,
À fonte foi buscar água.
Lá no meio do caminho
Com a virgem se encontrava.

Atreveu-se e perguntou-lhe
Se havia de ser casada.
Casadinha haveis de ser,
Muito bem afortunada,
Três filhos haveis de ter
Todos de capa e espada.
Um será bispo em Roma,
E outro cardeal em Braga,
O mais novo deles todos,
Servo da Virgem sagrada.
Ditosa da donzelinha
Que à fonte foi buscar água!

ROMANCE POPULAR
PORTUGAL

Instante

A cena é muda e breve:
Num lameiro,
Um cordeiro
A pastar ao de leve.

Embevecida,
A mãe ovelha deixa de remoer
E a vida
Pára também, a ver.

Miguel Torga
Portugal

Serão de menino

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta senzala do céu,
de volta das estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantos...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...
.....
... Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(« — Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou —
deu a sentença final:
« — Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retém
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça.»

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:
— Eué
— É casumbi...

E a gente grande —
bem perto dali
feijão descascando para o quitende —
a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz
a quem não tem amor, aos mais
seres busca, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz — Felicidade...

VIRIATO DA CRUZ
ANGOLA

A nau Catrineta

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.

— «Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.»
— «Não vejo terras d'Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»
— «Acima, acima, gajeiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal.»
— «Alvíssaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.

Mais enxergo três meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
— «Todas três são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei-de casar.»
— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
— «Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
— «Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual.»
— «Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.»

— «Dar-te-ei a nau Catrineta,
Para nela navegar.»
— «Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar.»
— «Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvíssaras te hei-de dar?»
— «Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.»
— «Renego de ti, demónio.
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar.
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

ROMANCE POPULAR
PORTUGAL

Epigrama

Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das dúzias
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

Bocage
Portugal

O FERRO

Como se faz o ferro perguntou-me agora esta criança
[pequena
Que é um pastor de cabritos e há-de ser homem
E há-de ser um homem melhor se sabe do ferro
Com coragem de ferro e um coração generoso.

Expliquei-lhe mal porque só sei o que vi
E ninguém me falou nunca mais completo.

Menino: Há uma pedra de ferro que vem da Terra
Há outra pedra carvão que vem da Terra
Faz um forno de Terra como uma cabeça redonda
E no lugar de cabelos põe canudos de Terra
Com dentro pedra de ferro bem apertada
E enche aquela cabeça de boca pequena
Com pedras carvão da Terra, bem apertadas.

Casa toda esta Terra de sorrisos diferentes
Com o Fogo macho acendido na manhã baixa
Com o Padrinho Ar de Fole sempre a dizer piadas
E a Madrinha Água Pouca esperando
Para dizer a sua sentença importante.

O ferro é o que fica da boda dos quatro elementos
Por isso o ferreiro é um Homem sábio
Faz a enxada, faz a machada, faz faca.

Com a semente de ferro que semeou
Planta e colhe nesta especial Agricultura
Come um pão de ferro que faz o coração generoso
O Ferreiro, este camponês especial
Menino.

Quanto tempo mais vai ficar esta criança pequena
Sem uma resposta melhor mais completa?

MUTIMATI
MOÇAMBIQUE

A rainha de Kachmir

Serenata de Hilário

O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir
Era a diamantes bordado,
Como luar num terrado!...
Parecia o céu estrelado
Ou a visão de um faquir
O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir.

Se é a Via Láctea, em suma,
Não há olhar que destrince!...
Nenhuma vista, nenhuma
Jurará se é neve ou pluma,
Se é leite, ou astro, ou espuma,
Se é a Via Láctea, em suma,
Não há olhar que destrince!

Levava, nas mãos patrícias,
Leque de rendas e sândalo...
Oh! que mãozinhas... delícias
Para beijar com carícias,
Que adorariam um vândalo...
Levava, nas mãos patrícias,
Leque de rendas e sândalo.

Cor de lua os sapatinhos
Eram mais subtis que o leque!...
Seu manto, púrpura e arminhos,
Não rojava nos caminhos,
Pois sua cauda, aos saltinhos,
Levava-a um núbio moleque.
Cor da lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!

Eis que, no meio da boda,
Entrou um moço estrangeiro...
Calou-se a alegria douda
Da grande assembleia, em roda!
E a brilhante sala toda
Fitou o jovem romeiro.
Eis que, no meio da boda,
Entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça
E o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
Esse brinde, em língua estranha!

Encheu de pranto o vestido,
Encheu de pranto os anéis...
E, sem soltar um gemido,
Chorou, num pranto sumido,
O seu passado perdido,
Os seus amores tão fiéis!...
Encheu de pranto o vestido,
Encheu de pranto os anéis.

Quem era o moço viajante
Que fez turbar a rainha?...
Era o seu primeiro amante,
Tão leal e tão constante,
Que, do seu reino distante,
Brindar ao passado vinha...
Tal era o moço viajante
Que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
Fazem lágrimas cair!
Por um brinde ao amor passado
Ficou de pranto alagado
O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir.
Saudades de amor quebrado
Fazem lágrimas cair!...

GOMES LEAL
PORTUGAL

Lenda de Santa Iria

Estando eu a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,
Veio cavaleiro pedindo pousada;
Se lha meu pai dera, estava bem dada,
Deu-lhe minha mãe, que mui me custava;
Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia-noite, a casa roubada,
Dos três que nós éramos, só a mim levava.
Eram sete léguas, nem fala me dava,
Lá para as oito e que me perguntava:
— Lá na tua terra como te chamavam?
«Lá na minha terra eu era morgada,
«Cá nestas montanhas serei desgraçada.»

— Por essas palavras serás degolada,
Ao pé dum penedo serás enterrada,
Coberta de rama, bem enramalhada.

No fim de sete anos por ali passava,
E a todos que via lhe perguntava:
— Dizei-me pastores que guardais o gado,
Que ermida é aquela que além branquejava

— É de Santa Iria bem-aventurada,
Que ao pé dum penedo morreu degolada.
— Oh minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte, serei teu romeiro!
«Não te perdoo, ladrão carniceiro,
«Que me degolaste que nem um carneiro;
«Veste-te de azul, que é cor do céu,
«Se ele te perdoar, perdoar-te quero.»

ROMANCE POPULAR
PORTUGAL

Alforreca e Faneca

Pobre de mim, tão Faneca,
Alforreca me fascina.
Sigo atrás da sua coroa,
dos seus terríveis cabelos
de gelatina e de prata:
só o vê-los me atordoa,
só o tocá-los me mata.

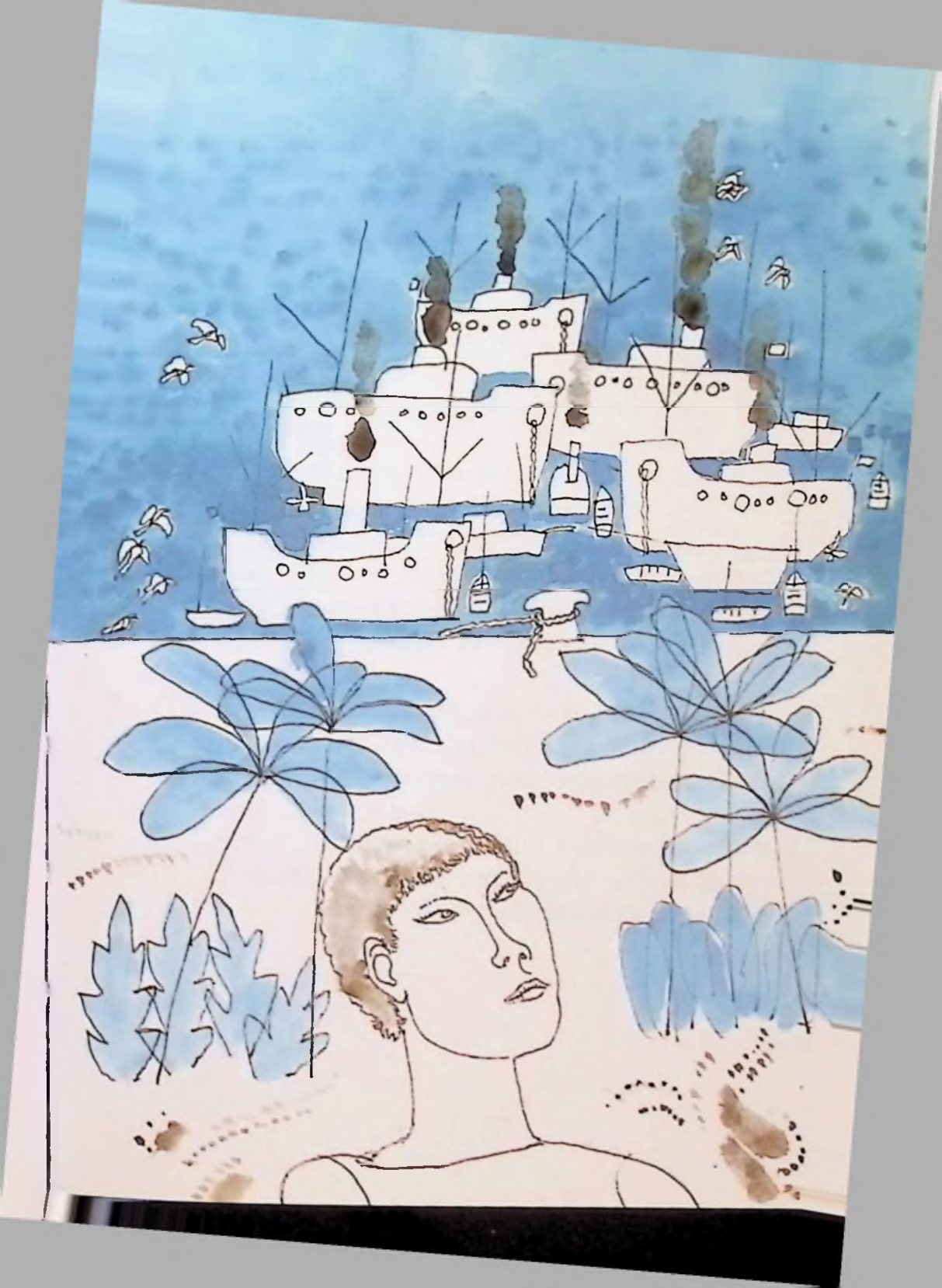
Violeta Figueiredo
Portugal

Santos

Nasci junto do porto, ouvindo o barulho
[dos embarques.
Os pesados carretões de café
Sacudiam as ruas, faziam trepidar o meu berço.

Cresci junto do porto, vendo a azáfama
[dos embarques.
O apito triste dos cargueiros que partiam
Deixava longas ressonâncias na minha rua.

Brinquei de pegador entre os vagões das docas.
Os grãos de café, perdidos no lajedo,
Eram pedrinhas que eu atirava noutros meninos.



As grades de ferro dos armazéns, fechados à noite,
Faziam sonhar (tantas mercadorias!)
E me ensinavam a poesia do comércio.

Sou bem teu filho, ó cidade marítima,
Tenho no sangue o instinto da partida,
O amor dos estrangeiros e das nações.

Ah, não me esqueças nunca, ó cidade marítima,
Que eu te trago comigo, por todos os climas
E o cheiro do café me dá tua presença.

RIBEIRO COUTO
BRASIL

Porto Grande

Porto Grande
baía largada no meio do mar...

(Tem lotação para cem vapores!)

O perfil montanhoso de St.º Antão
é um tapume dos ventos do noroeste.
Monte-Cara e Monte-Verde aguentam firme
toda a maresia do Atlântico.
Se o mar em crista entra por João Ribeiro e S. Pedro
logo vai morrer manso no afago irresistível do teu
[porto.
O ilhéu ficou indeciso
a meio caminho do canal
como que a querer ser o ponto de ligação
entre duas ilhas irmãs.

(Sonho com uma ponte majestosa
passando por ali...)

Vapores do norte
Vapores do sul
vêm e vão...

(Haverá ainda o sino da Companhia?
Uma badalada: Vapor de norte
Duas badaladas: Vapor do sul.)

As luzes de navegação
as lâmpadas a néon dos grandes paquetes
e as lanternas a petróleo dos veleiros
são uma sinfonia de cor...
Pirilampos nas noites da baía!
Vozes
ecoando no meio do mar
saindo do fundo das embarcações...
Um apito um assobio
tomam sonoridades estranhas
evocam histórias antigas...
De longe em longe um cão ladra
e o cholop cholop dos barcos ancorados
enche com a sua melodia os espaços vazios.
Quando chega a madrugada
e os contornos do dia se vão definindo
imprecisamente
no meio da baía um galo canta a sua canção de
aurora.

TERÊNCIO ANAHORY
CABO VERDE

Cão

Cão passageiro, cão estrito,
cão rasteiro cor de luva amarela,
apara-lápis, fraldiqueiro,
cão liquefeito, cão estafado,
cão de gravata pendente,
cão de orelhas engomadas,
de remexido rabo ausente,
cão ululante, cão coruscante,
cão magro, tétrico, maldito,
a desfazer-se num ganido,
a refazer-se num latido,
cão disparado: cão aqui,
cão além, e sempre cão.

Cão

Cão passageiro, cão estrito,
cão rasteiro cor de luva amarela,
apara-lápis, fraldiqueiro,
cão liquefeito, cão estafado,
cão de gravata pendente,
cão de orelhas engomadas,
de remexido rabo ausente,
cão ululante, cão coruscante,
cão magro, tétrico, maldito,
a desfazer-se num ganido,
a refazer-se num latido,
cão disparado: cão aqui,
cão além, e sempre cão.

Cão marrado, preso por um fio de cheiro,
cão a esburgar o osso
essencial do dia-a-dia,
cão estouvado de alegria,
cão formal da poesia,
cão-soneto de ão-ão bem martelado,
cão moído de pancada
e condoído do dono,
cão: esfera do sono,
cão de pura invenção, cão prefabricado,
cão-espelho, cão-cinzeiro, cão-botija,
cão de olhos que afligem,
cão-problema...

Sai depressa, ó cão, deste poema!

ALEXANDRE O'NEILL
PORTUGAL

Ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos
E para mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado
Fui mau mas fui castigado.
Assim que, só para mim,
Anda o mundo concertado.

Luís de Camões
Portugal

Experimenta falar pela minha boca,
assoar-te pelo meu nariz...

ALEXANDRE O'NEILL
PORTUGAL

Não ouvi bem o que disseste...

ALEXANDRE O'NEILL
PORTUGAL

O VELHO PALÁCIO

Houve outrora um palácio, hoje em ruínas,
Fundado numa rocha, à beira-mar...
Donde se avistam lívidas colinas,
E se ouve o vento nos pinhais pregar.
Houve outrora um palácio, hoje em ruínas...

Nesse triste palácio inabitável,
As janelas sem vidros, contra os ventos,
Batem, de noite, em coro miserável,
Lembrando gritos, uivos e lamentos.
Nesse triste palácio inabitável...

Só resta uma varanda solitária,
Onde medra uma flor que bate o norte,
Sacudida de chuva funerária,
Lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitária...

Como nessa varanda apodrecida
Em minha alma uma flor também vegeta...
Toda a noite dos ventos sacudida,
Íntima, humilde, lírica, secreta,
Como nessa varanda apodrecida...

GOMES LEAL
PORTUGAL

O ÚLTIMO ADEUS DUM COMBATENTE

Naquela tarde em que eu parti e tu ficaste
sentimos, fundo, os dois a mágoa da saudade.
Por ver-te as lágrimas sangrarem de verdade
sofri na alma um amargor quando choraste.

Ao despedir-me eu trouxe a dor que tu levaste!
Nem só o teu amor me traz a felicidade.
Quando parti foi por amar a Humanidade
Sim! foi por isso que eu parti e tu ficaste!

Mas se pensares que eu não parti e a mim te deste
será a dor e a tristeza de perder-me
unicamente um pesadelo que tiveste.

Mas se jamais do teu amor posso esquecer-me
e se fui eu aquele a quem tu mais quiseste
que eu conserve em ti a esperança de rever-me!

VASCO CABRAL
GUINÉ-BISSAU

O MORINGUE

O sol que queima as folhas das palmeiras
E os pés caminhantes sobre a areia
O sol que traz o vento e afasta o peixe
Ele não esquentará a água do moringue.
Não há sol no canto desta casa
Há sombras dos luandos que fazem as paredes
A areia do chão traz a frescura da terra
Os caniços dos luandos têm a frescura
Que trouxeram das terras de Cabíri
Quando, de andar nas canoas, voltamos do mar
E a garganta vem a arder como se era sal
A água do moringue sabe-nos como nada mais.

E, a quem nos pede, com o coração alegre,
Nós a oferecemos, nas canecas de esmalte.

HENRIQUE GUERRA
ANGOLA

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor

Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro Bonacheirão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Manuel Bandeira
Brasil

Lá no Água Grande

Lá no Água Grande a caminho da roça
negritas batem que batem co'a roupa na pedra.
Batem e cantam modinhas da terra.

Cantam e riem em riso de mofa
histórias contadas, arrastadas pelo vento.

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra
e põem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e a água canta.
Brincam na água felizes...
Velam no capim um negrito pequenino.

E os gemidos cantados das negritas lá do rio
ficam mudos lá na hora do regresso...
Jazem quedos no regresso para a roça.

Alda do Espírito Santo
São Tomé e Príncipe

História antiga

Era uma vez, lá na Judeia, um rei.
Feio bicho, de resto:
Uma cara de burro sem cabresto
E duas grandes tranças.
A gente olhava, reparava, e via
Que naquela figura não havia
Olhos de quem gosta de crianças.

E, na verdade, assim acontecia.
Porque um dia,
O malvado
Só por ter o poder de quem é rei
Por não ter coração,
Sem mais nem menos,
Mandou matar quantos eram pequenos
Nas cidades e aldeias da Nação.

Mas,
Por acaso ou milagre, aconteceu
Que, num burrinho pela areia fora,
Fugiu
Daquelas mãos de sangue um pequenino
Que o vivo sol da vida acarinhou;
E bastou
Esse palmo de sonho
Para encher este mundo de alegria;
Para crescer, ser Deus;
E meter no inferno o tal das tranças,
Só porque ele não gostava de crianças.

MIGUEL TORGA
PORTUGAL

Café

Sabor de antigamente, sabor de família,
Café que foi torrado em casa,
Que foi feito no fogão da casa, com lenha do mato
[da casa,
Café para as visitas de cerimónia,
Café para as visitas de intimidade,
Café para os desconhecidos, para os que pedem
[pousada, para toda a gente

Ribeiro Couto
Brasil

Natal chique

Percorro o dia, que esmorece
Nas ruas cheias de rumor;
Minha alma vã desaparece
Na minha pressa e pouco amor.

Hoje é Natal. Comprei um anjo,
Dos que anunciam no jornal;
Mas houve um etéreo desarranjo
E o efeito em casa saiu mal.

Valeu-me um príncipe esfarrapado
A quem dão coroas no meio disto,
Um moço doente, desanimado...
Só esse pobre me pareceu Cristo.

Vitorino Nemésio
Portugal

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá

Oô
Menina bonita
De vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede

Oô...
Vou m'imbora vou m'imbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente.

MANUEL BANDEIRA
BRASIL

Os Reis Magos

Nas torres, olhando os astros,
que viajam pelos céus,
Os Reis Magos viram rastros
do avatar de um grande Deus.

Leram em livros profundos,
que a Caldeia e Assíria têm,
que estava a descer dos mundos
um Deus a Jerusalém.

Cheios de assombro à janela,
mudos ficam os seus lábios!
De pé olhando uma estrela,
velam noites os reis sábios.

Não querem mais alimento,
nem com rainhas dormir.
Não tomam ao trono assento!
Não mais volvem a sorrir!

Somente olham, sem cessar,
a branca estrela brilhante
como o ceptro dominante
do rei que vai a reinar.

Abraçam a esposa amada.
Dão as chaves aos herdeiros.
Mandam vir seus escudeiros,
Os seus bordões de jornada.

Despejam os seus erários,
cheios de alvoroço imenso.
Carregam seus dromedários,
d'ouro, de mirra, de incenso.

Passam rios e cidades
cheias de estátuas guerreiras,
palácios, campos, herdades,
cisternas sob as palmeiras.

Seguem a luz do astro belo,
que as estradas lhes clareia,
até chegar ao castelo,
do rei que reina em Judeia.

Chegados ao rei cruel,
que de Herodes nome tem,
bradam: «O Rei de Israel
nasceu em Jerusalém?...»

Fica assombrado o Tetrarca,
Diz-lhes tal nova ignorar.
— «Mas, em nome da Santa Arca,
voltai, reis, ao meu solar!»

Seus olhos ficam sombrios:
vê perdido o seu tesouro,
soldados, terras, navios,
da Judeia o ceptro de ouro!

Tomam os reis seus bordões
Levantam as suas tendas.
Carregam suas oferendas.
Demandam novas regiões.

Passam rios e cidades
cheias de estátuas guerreiras,
palácios, campos, herdades,
cisternas sob palmeiras.

Passam colinas, rebanhos,
campos de louras searas,
quando a lua faz desenhos
no chão das estradas claras.

Passam o quente areal
que a palmeira não conforta.
Eis que a estrela pára à porta
de um decrépito curral.

Descem dos seus dromedários,
cheios de pó os reis sábios.
Descarregam seus erários.
— Mas estão mudos seus lábios.

Rojam as barbas nevadas
Sobre o Deus que adormecera.
Com as mãozinhas rosadas
da Mãe nos seios de cera.

Seus olhos sentem assombros
e nadam cheios de choro.
— Rasgam seus mantos de ombros.
— Dão-lhe mirra, incenso e ouro.

Esquecem sua nação
mais seus carros de batalha.
— Seus ceptros rolam na palha!
— Seus diademas no chão!

E erguendo seus olhos graves,
perguntam então — olhando
as pombas voando, em bando,
os aldeões, mais as aves:

«É este o rei dos senhores?
Tábua da Lei das rainhas?
Por archeiros — tem pastores.
Por pagens — as andorinhas.»

GOMES LEAL
PORTUGAL

As caravelas

Já no largo Oceano navegavam
As inquietas ondas apartando
Os ventos brandamente respiravam
Das naus as velas côncavas inchando

Luís de Camões
Portugal

«Porém, já cinco sóis eram passados
que de ali nos partíramos, cortando
os mares nunca doutrem navegados,
prosperamente os ventos assoprando:
quando uma noite, estando descuidados,
na cortadora proa vigiando,
uma nuvem que os ares escurece
sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
como se desse em vão nalgum rochedo.
«Ó Potestade», disse, «sublimada,
que ameaço divino ou que segredo,
este clima e este mar nos apresenta,
que mor coisa parece que tormenta?»

Não acabava, quando uma figura
se nos mostra no ar robusta e válida,
de disforme e grandíssima estatura,
o rosto carregado, a barba esquálida;
os olhos encovados, e a postura
medonha e má, e a cor terrena e pálida,
cheios de terra e crespos os cabelos,
a boca negra, os dentes amarelos.

LUÍS DE CAMÕES
PORTUGAL

Romance de Tomasinho-Cara-Feia

Farto de sol e de areia,
que é o mais que a terra dá.
Tomasinho-Cara-Feia,
Vai prà pesca da baleia.
Quem sabe se tornará?

Torne ou não torne, que tem?
Vai cumprir o seu destino.
Só nha Fortunata, a mãe,
que é velha e não tem ninguém,
chora pelo seu menino.

Torne ou não torne, que importa?
Vai ser igual ao avô.
Não volta a bater-me à porta;
deixou para sempre a horta,
que a longa seca matou.

Tomasinho-Cara-Feia,
(outro nome, quem lho dá?)
farto de sal e de areia,
foi prà pesca da baleia.

— E nunca mais voltará.

DANIEL FILIPE
CABO VERDE

Romance de Tomasinho-Cara-Feia

Farto de sol e de areia,
que é o mais que a terra dá.
Tomasinho-Cara-Feia,
Vai prà pesca da baleia.
Quem sabe se tornará?

Torne ou não torne, que tem?
Vai cumprir o seu destino.
Só nha Fortunata, a mãe,
que é velha e não tem ninguém,
chora pelo seu menino.

Torne ou não torne, que importa?
Vai ser igual ao avô.
Não volta a bater-me à porta;
deixou para sempre a horta,
que a longa seca matou.

Tomasinho-Cara-Feia,
(outro nome, quem lho dá?)
farto de sal e de areia,
foi prà pesca da baleia.

— E nunca mais voltará.

DANIEL FILIPE
CABO VERDE

Retrato de Tritão, filho do rei do mar

Era mancebo grande, negro e feio
Trombeta de seu pai e seu correio.

Os cabelos da barba e os que descem
Da cabeça nos ombros todos eram
Uns limos prenhes de água e bem parecem
Que nunca brando pente conheceram;
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões que ali se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

Luís de Camões
Portugal

Menino de Timor

Menino de Timor, estás triste?!...
Porquê?!... — Não tenho com que brincar!
Nem com quem!... Já nem posso falar!...
A minha terra correste e viste

Como só há silêncio e tristeza!...
Assim é na palhota que habito!...
Já nem oiço na várzea um só grito!...
Só vejo gente que chora e reza!...

Que saudades que eu tenho dos jogos
Da minha aldeia agora deserta!...
O «*la'o-rai*», que a memória esperta,
Co' as pocinhas na terra, ora a fogos

Mil sujeita!... O «*caleic*» também era
jogo apreciado da pequenada:
«*Hana-caleic*»!... De tudo já nada
Resta agora!... Só vejo essa fera

De garra adunca e dente aguçado
A rugir tão feroz que ninguém
A doma já, pois medo não tem
De um povo à fome, sem horta ou gado!...

Menino, sou, mas sofro já tanto
Como se fora de muita idade
E co' a alma cheia só de maldade!...
Jesus, tem pena deste meu pranto!...

Jesus Menino, dá-me alegria!...
Na minha terra é tudo tão triste!...
Gente tão má neste mundo existe?!...
Coisas assim tão ruins?!... Não sabia!...

JORGE BARROS DUARTE
TIMOR

Clamor

Dizei-me ó Príncipe moiro.
Vossas filhas onde estão?

Pedi amor mas nunca pedi oiro.
Pedi rosas mas nunca pedi pão.

E o meu barco já se cansa
De sempre, sempre o esperares!
Diz-me ó Corsário de França
Da linha redonda e mansa
Onde se acabam os mares?

Dos meus olhos já nem sei...
Ai saudades onde estais?
Dizei-me ó pagens de El-rei
(Que dos meus olhos nem sei...)
Se ainda há túmulos reais...

Almocreves das estradas
Que a noite longa acompanha!
Mostrai-me coisas roubadas
Almocreves das estradas
Que atravessaram a Espanha!

Pedi amor mas nunca pedi oiro.
Pedi rosas mas nunca pedi pão.

Ai! Príncipe, Príncipe moiro
Vossas filhas onde estão?

PEDRO HOMEM DE MELO
PORTUGAL

Soneto

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela;
Que a ela só por prémio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe deu Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos
Dizendo: — «Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!»

Luís de Camões
Portugal

Vinde, ó pobres

Vinde os possuidores da pobreza
os que não têm nome no século.
Vinde os homens da contemplação.
Vinde os que têm a língua mudada.
Vinde os forasteiros e vagabundos
Vinde os homens descalços e os que têm
Os olhos cheios de espantos.
Jesus Cristo — Rei dos Reis
Os vossos pés quer lavar,
O filho do marceneiro
Não vos pode abandonar.

Jorge de Lima
Brasil

Quitandeira de Luanda

Eh! laranjinha, 'aranjinha boa
mia siôa!

Vem de longe, do Catete
onde há batuque e quitende.
Vem de longe o seu sorriso,
sorriso que se intromete
sem querer nos olhos da gente.

Vem de longe o seu sorriso
sempre fresco, sempre aberto.

E o passo ligeiro, certo,
batendo a terra encarnada
já quente ao sol matutino,
revela em cada pegada
o mover airoso, fino,
de uma rainha ignorada.

Leva colar de missanga,
panos de garrida cor.
E nos lábios — a verter
tom de madura pitanga —
a promessa de um amor
que é razão do seu viver.

Leva colar de missanga,
panos de garrida cor.

Eh! laranjinha, 'aranjinha boa
mia siôa!

Cantando caju ou manga,
maboque, ananás, mamão,
Alta e Baixa de Luanda,
o Muceque e Sambizanga
reconhecem-lhe o pregão.

E afirmam certos poetas
que a magia dessas cores
que lhe enfeitam a quitanda,
se derramou das paletas
de exotíssimos pintores.

Dengosa p'la estrada fora,
mal irrompe o claro dia,
com tanta graça apregoa
que a própria aurora
é nela que se anuncia!
Eh! laranjinha, 'aranjinha boa
mia siô... ô... a!

MARIA EUGÉNIA LIMA
ANGOLA

Lianor

MOTE

Descalça vai pera a fonte
Lianor pela verdura;
Vai fermosa e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura.
Vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa, e não segura.

Luís de Camões
Portugal

Cantiga partindo-se

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

João Roiz
de Castelo Branco
Portugal

Endechas a Bárbara escrava

Aquela cativa
Que me tem cativo,
Porque nela vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos
Que pera meus olhos
Fosse mais fermosa.

Nem no campo flores
Nem no céu estrelas
Me parecem belas
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

Ũa graça viva
Que neles lhe mora,
Pera ser senhora
De quem é cativa.

Pretos os cabelos
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a cor.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha;
Bem parece estranha
Mas bárbara não.

Presença serena
Que a tormenta amansa;
Nela, enfim, descansa
Toda minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo,
E, pois nela vivo,
É força que viva.

LUÍS DE CAMÕES
PORTUGAL

Mãe negra

A mãe negra embala o filho.

Canta a remota canção
Que seus avós já cantavam
Em noites sem madrugada.

Canta, canta para o céu
Tão estrelado e festivo.

É para o céu que ela canta,
Que o céu
Às vezes também é negro.

No céu
Tão estrelado e festivo
Não há branco, não há preto,
Não há vermelho e amarelo.
— Todos são anjos e santos
Guardados por mãos divinas.

A mãe negra não tem casa
Nem carinhos de ninguém...

A mãe negra é triste, triste,
E tem um filho nos braços...

Mas olha o céu estrelado
E de repente sorri.
Parece-lhe que cada estrela
É uma mão acenando
Com simpatia e saudade...

AGUINALDO FONSECA
CABO VERDE

Visão

Vi-te passar, longe de mim, distante,
Como uma estátua de ébano ambulante;
Ias de luto, doce tutinegra,
E o teu aspecto pesaroso e triste
Prendeu minha alma, sedutora negra;
Depois, cativa de invisível laço,
(O teu encanto, a que ninguém resiste)
Foi-te seguindo o pequenino passo
Até que o vulto gracioso e lindo
Desapareceu longe de mim, distante,
Como uma estátua de ébano ambulante.

Caetano da Costa Alegre
São Tomé e Príncipe

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse, «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

FERNANDO PESSOA
PORTUGAL

Meninas e meninos

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de meninas e meninos
a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos
nos livros, nos jonais, no cinema e na televisão
retratos de cadáveres de meninos e meninas
que morreram a defender a liberdade de armas
[na mão.

Todos já vimos!
E então?

Fernando Sylvan
Timor

O capim não foi plantado
nem tratado,
e cresceu. É força
tudo força
que vem da força da terra.
Mas o capim está a arder
e a força que vem da terra
com a pujança da queimada
parece desaparecer.
Mas não! Basta a primeira chuvada
para o capim reviver.

Manuel Rui
Angola

Magaíça

Magaíça, ao partir, não se prende
mas sofrendo no Rand é que aprende
que a mina é inferno, desterro e má sina,
que a terra é o céu de quem vive na mina!

Vem ver o sol, vem ver,
que é morte viver
debaixo do chão!

Diz, Magaíça, diz,
diz adeus à raiz,
diz adeus ao carvão...
O oiro que a mina te dá
não paga a saudade que há
no teu coração!

É lá fora que correm gazelas,
é lá fora que há nuvens e estrelas,
que o milho espigado, na seara a crescer,
parece que pede que o venham colher!

Reinaldo Ferreira
Moçambique

Canção de uma sombra

Ah, se não fosse a névoa da manhã
E a velhinha janela onde me vou
Debruçar, para ouvir a voz das coisas,
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte, que chorava,
E como nós cantava e que secou...
E este sol, que eu comungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse este luar, que chama
Os espectros à vida, e se infiltrou,
Como fluido mágico, em meu ser,
Eu não era o que sou.

E se a estrela da tarde não brilhasse;
E se não fosse o vento, que embalou
Meu coração e as nuvens, nos seus braços,
Eu não era o que sou.

Ah, se não fosse a noite misteriosa
Que meus olhos de sombra povoou,
E de vozes sombrias meus ouvidos,
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo;
Sem estes ermos montes e arvoredos,
Eu não era o que sou.

TEIXEIRA DE PASCOAIS
PORTUGAL

Georges! anda ver meu país de marinheiros,
O meu país das naus, de esquadras e de frotas!

Oh as lanchas dos poveiros
A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que estranho é!
Fincam o remo na água, até que o remo torça,
À espera da maré,
Que não tarda hi, avista-se lá fora!
E quando a onda vem, fincando-a com toda a força,
Clamam todos à uma: «Agôra! agôra! agôra!»
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(Às vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)

Que vista admirável! Que lindo! Que lindo!
Içam a vela, quando já têm mar:
Dá-lhes o vento, e todas, à porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas,
Rosário de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar, a *Ladaínha das Lanchas:*

Snra. Nagonia!

Olha, acolá!
Que linda vai com seu erro de ortografia...
Quem me dera ir lá!

Senhora da Guarda!

(Ao leme vai o Mestre Zé da Leonor)
Parece uma gaivota: aponta-lhe a espingarda
Ó caçador!

Senhora d'ajuda!
Ora 'pro nobis!
Caluda!
Sêmos probes!
S.hr dos ramos!
Istrella do mar!
Cá bamos!

Parecem Nossa Senhora a andar.

Snra. da Luz!

Parece o Farol...

Maim de Jesus!

E tal qual ela, se lhe dá o Sol!

S.hr dos Passos!
Sinhora da Ora!

Águias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caiadas por fora...

S.hr dos Navegantes!
Senhor de Matosinhos!

Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
Lá vai o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos Aflitos!
Mártir São Sebastião!
Ouvi os nossos gritos!
Deus nos leve pela mão!
Bamos em paz!

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!
Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jeques, o Pardal, na *Nam te perdes,*
E das vagas, aos ritmos cadenciados,
As lanchas vão traçando, à flor das águas verdes
«As armas e os barões assinalados...»

Lá sai a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ela corre! com que força o Vento a impele:

Bamos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltai com ele
Por esse mar de Cristo...

Adeus! adeus! adeus!

ANTÓNIO NOBRE
PORTUGAL

Parecem Nossa Senhora a andar.

Snra. da Luz!

Parece o Farol...

Maim de Jesus!

E tal qual ela, se lhe dá o Sol!

S.hr dos Passos!
Sinhora da Ora!

Águias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caiadas por fora...

S.hr dos Navegantes!
Senhor de Matosinhos!

Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
Lá vai o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos Aflitos!
Mártir São Sebastião!
Ouvi os nossos gritos!
Deus nos leve pela mão!
Bamos em paz!

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!
Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jeques, o Pardal, na *Nam te perdes,*
E das vagas, aos ritmos cadenciados,
As lanchas vão traçando, à flor das águas verdes
«As armas e os barões assinalados...»

Lá sai a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ela corre! com que força o Vento a impele:

Bamos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltai com ele
Por esse mar de Cristo...

Adeus! adeus! adeus!

ANTÓNIO NOBRE
PORTUGAL

Prelúdio

Para António Aurélio Gonçalves

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
detrás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas no ar
nem gritos de alarme e de guerra
ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
    de garras afiadas
as aves marítimas
    de voo largo
as aves canoras
    assobiando inéditas melodias.

E a vegetação
cujas sementes vieram presas
nas asas dos pássaros
ao serem arrastadas para cá
pelas fúrias dos temporais.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escaler varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada

e se persignou
receoso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei
nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós.

JORGE BARBOSA
CABO VERDE

Serranilha

A serra é alta, fria e nevosa;
vi venir serrana, gentil, graciosa.
Vi venir serrana gentil graciosa
cheguei-me per'ela com gran cortezia.
Cheguei-me per'ela com gran cortezia,
disse-lhe: «Senhora, quereis companhia?»
Disse-me: «Escudeiro segui vossa via.»

Gil Vicente
Portugal

País natal

Um sentimento de amor pátrio sobe no meu coração,
Em espírito demando o meu país natal,
E lembro aquela floresta africana,
Cheia de caça e de verdura;
Lembro as suas imensas árvores gigantes,
A folhagem verde ou amarela
Que nos perfuma.
Revejo a minha infância,
Toda cheia de alegrias:
Eu corria pelo mato,
Espiava os animais selvagens,
Sem medo;
E olhava os lavradores nos campos,
E, no mar, os pescadores,
Que lutavam contra o vento, para agarrar o peixe,
E que eu, atento, seguia com o olhar:
Como gostava de os ver no oceano
Domar as vagas, que lhes queriam virar as barcas!
(Ah!, bem me lembro, bem me lembro do
[meu país natal!)

António Baticã Ferreira
Guiné

Negra

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros
[mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias...
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedas-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante
[sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas
[e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de te cantar, toda amassada,
moldada, vazada neste sílaba imensa e luminosa: MÃE

NOÉMIA DE SOUSA
MOÇAMBIQUE

Deixem passar quem vai na sua estrada.
Deixem passar
Quem vai cheio de noite e luar.
Deixem passar e não lhe digam nada.

Deixem, que vai apenas
Beber água de Sonho a qualquer fonte;
Ou colher açucenas
A um jardim que ele lá sabe, ali defronte.

Vem da terra de todos, onde mora
E onde volta depois de amanhecer.
Deixem-no pois passar, agora

Que vai cheio de noite e solidão.
Que vai ser
Uma estrela no chão.

MIGUEL TORGA
PORTUGAL

O futebol brasileiro evocado da Europa

A bola não é a inimiga
como o touro, numa corrida;
e embora seja um utensílio
caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reacções próprias como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcias de mão.

João Cabral de Melo Neto
Brasil

O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas trespassado,
— Duas, de lado a lado —
Jaz morto e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, loiro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
«O menino da sua mãe.»

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
É boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
«Que volte cedo e bem!»
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto e apodrece
O menino da sua mãe.

FERNANDO PESSOA
PORTUGAL

O PESCADOR VELHO

Pescador vindo do largo
com o teu calçado de algas
diz-me o que trazes no barco
donde levantas a face

a tua face marcada
pelo sal de horas choradas
dá-me o teu peixe pescado
bem lá no fundo do mar

— nesta água não tem peixe —

pescador dá-me um só peixe
nem garopa nem xaréu
só um peixinho de prata

— nesta água não tem peixe
foi tudo procurar deus
prò lado do Zanzibar.

GLÓRIA DE SANT'ANNA
MOÇAMBIQUE

QUERO SER TAMBOR

Tambor está velho de gritar
Ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do
[desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha
[terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha
[terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Ó velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da
[vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!
Ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!

JOSÉ CRAVEIRINHA
MOÇAMBIQUE

Horizonte

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o longe, e o sul sidéreo
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa de longínqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe e abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

FERNANDO PESSOA
PORTUGAL

Cantiga de amigo

Ai, flores, ai flores de verde pino
se sabedes novas do meu amigo?
ai, Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo
aquele que mentiu do que pôs comigo?
ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado
aquele que mentiu do que me há jurado?
ai Deus, e u é?

— Vós me perguntades polo vosso amigo?
E eu bem vos digo que é san, e vivo:
ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo vosso amado?
E eu bem vos digo que é vivo e san:
ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san e vivo
e será vosc' ant' o prazo saído:
ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é vivo e san
e será vosco ant' o prazo passado,
ai Deus, e u é?

D. Dinis
Portugal

Bayllada

Baylemos nós já todas três, ay amigas,
só aquestas avelaneyras frolidas
e quem for velida, como nós, velidas,
se amigo amar,
só aquestras avelaneyras frolidas
verra bailar.

Baylemos nós já todas três, ay irmanas,
só aquesto ramo destas avelanas,
e quem for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
só aqueste ramo destas avelanas
verra bailar.

Por Deus, ay amigas, mentr' al non fazemos,
só aqueste ramo frolido bailemos
e quen ben parecer, como nós parecemos,
se amigo amar,
só aqueste ramo so l(o) que nós baylemos
verra bailar.

AIRAS NUNES
PORTUGAL

Caçada

Olhos oblíquos de bochímane
em mirada de través

baque no peito
corrida
ziguezague
estertor
e trás!

(três dias
nos capins
pela extenuação)

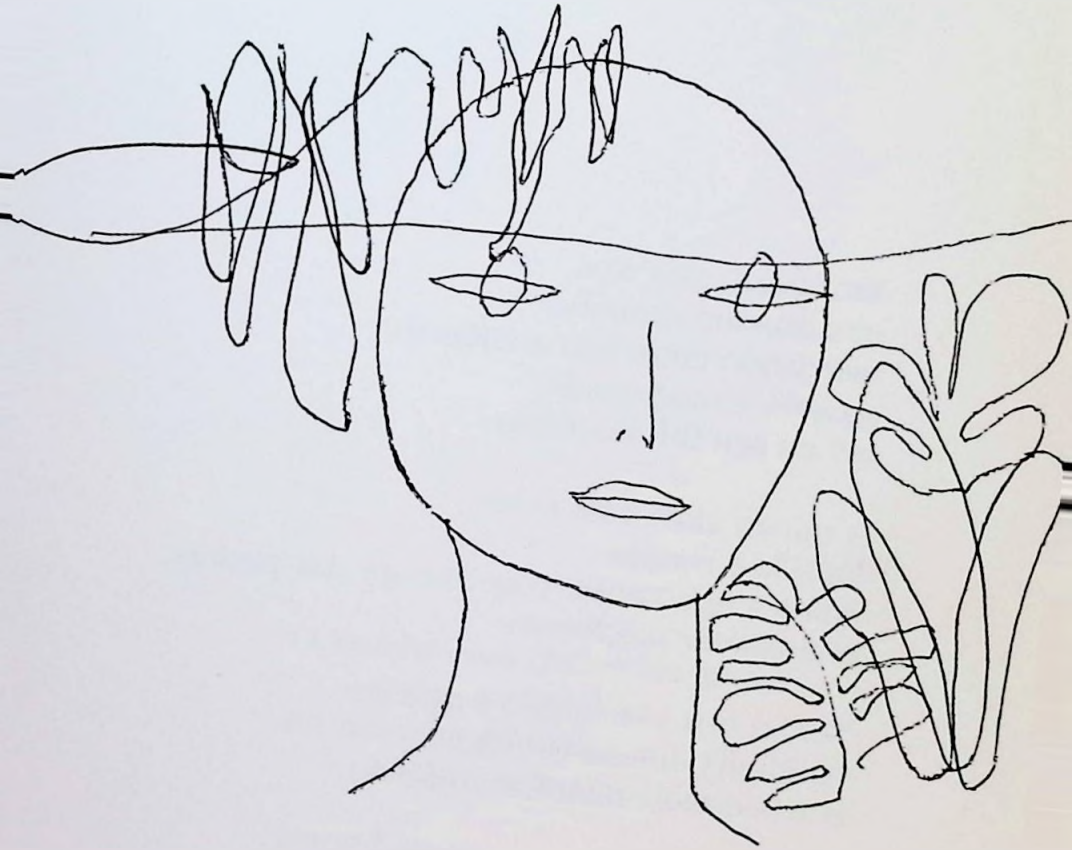
pega a presa nos cornos
põe nas costas
leva embora então

Rui Bueti
Angola

Teus olhos

Teus olhos, Honorine, cruzaram oceanos,
longamente tristes, sequiosos,
como flor aberta nas sombras em busca do sol.
Vieram com o vento e com as ondas
através dos campos e bosques da beira-mar.
Vieram até mim, estudante triste,
Dum país do sul.

Ruy Cinatti
Portugal



São meus estes rios

São meus estes rios
que buscam caminho
rastejando entre luar e silêncio,
sombra e madrugada,
até ao seu fim marítimo.

A minha alma está neles,
líquida e sonora
como a água entre o quissange das pedras,
o anoitecer nas fontes.

Tenho rios vermelhos e quentes
na minha dimensão física,
rios remotos, remotos como eu.

Manuel Lima
Angola

Exílio

O búfalo com chifres de prata
poisa no nenúfar
no nenúfar do exílio
búfalo ou borboleta

Jorge Lauten
Timor

Ao meu belo pai ex-emigrante

Pai:
As maternas palavras de signos
vivem e revivem no meu sangue
e pacientes esperam ainda a época de colheita
enquanto soltas já são as tuas sentimentais
sementes de emigrante português
espezinhadas no passo de marcha
das patrulhas de sovacos suando
as coronhas de pesadelo.

E na minha rude e grata
sinceridade não esqueço
meu antigo português puro
que me geraste no ventre de uma tombasana
eu mais um novo moçambicano
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue.

E agora
para além do antigo amigo Jimmy Durante a cantar
e a rir-se sem nenhuma alegria na voz roufenha
subconsciência dos porquês de Buster Keaton
[sorumbático
achando que não valia a pena fazer cara alegre
e um Algarve de amendoeiras florindo na outra costa
Ante os meus sócios Bucha e Estica no «écran» todo
[branco
e para sempre um zinco tap-tap de cacimba no chão
e minha Mãe agonizando na esteira em Michafutene
enquanto tua voz serena profecia paternal: — «Zé:
quando eu fechar os olhos não terás mais ninguém.»

Oh, Pai:
Juro que em mim ficaram laivos
do luso-arábico Algezur da tua infância
mas amar por amor só amo
e somente posso e devo amar
esta minha bela e única nação do Mundo
onde minha Mãe nasceu e me gerou
e contigo comungou a terra, meu Pai.
E onde ibéricas heranças de fados e broas
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias
e teu sangue se moçambicanizou nos torrões
da sepultura de velho emigrante numa cama de
[hospital
colono tão pobre como desembarcaste em África
meu belo Pai ex-português.

Pai:
O Zé de cabelos crespos e aloirados
não sei como ou antes por tua culpa
o «Trinta-diabos» de joelhos esfolados nos mergulhos
à Zamora nas balizas dos estádios descampados
avançado-centro de «bicicleta» à Leónidas no capim
mortífera pontaria de fisga na guerra aos gala-galas
embasbacado com as proezas dos leões do Circo
[Pagel
nódoas de caju na camisa e nos calções de caqui
campeão de corridas no «xituto» Harley-Davidson
os fundilhos dos calções avermelhados nos montes
do Desportivo nas gazetas à doca dos pescadores
para salvar a rapariga Maureen O' Sulivan das
[mandíbulas
afiadas dos jacarés do filme de Tarzan Weissemuller
os bolsos cheios de tingolé da praia
as viagens clandestinas nas traseiras gã-galhã-galhã
do carro eléctrico e as mangas verdes com sal
sou eu, Pai, o «Cascabulho» para ti
e Sontinho para minha Mãe
todo maluco de medo das visões alucinantes
de Lon Chaney com muitas caras.

Pai:
Ainda me lembro bem do teu olhar
e mais humano o tenho agora na lucidez da saudade
ou teus versos de improviso em loas à vida escuto
e também lágrimas na demência dos silêncios
em tuas pálpebras revejo nitidamente
eu Buck Jones no vaivém dos teus joelhos
dez anos de alma nos olhos cheios da tua figura
na dimensão desmedida do meu amor por ti
meu belo algarvio bem moçambicano!

E choro-te
chorando-me mais agora que te conheço
a ti, meu Pai vinte e sete anos e três meses depois
dos carros na lenta procissão do nosso funeral
mas só Tu no caixão de funcionário aposentado
nos limites da vida
e na íris do meu olhar o teu lívido rosto
ah, e nas tuas olheiras o halo cinzento do Adeus
e na minha cabeça de mulatinho os últimos
afagos da tua mão trémula mas decidida sinto
naquele dia de visitas na enfermaria do hospital
[central.

E revejo os teus longos dedos no dirlim-dirlim da
[guitarra
ou o arco da bondade deslizando no violino da
[tua aguda tristeza
e nas abafadas noites dos nossos índicos verões
tua voz grave recitando Guerra Junqueiro ou Antero
e eu ainda Ricardino, Douglas Fairbanks e Tom Mix
todos cavalgando e aos tiros menos Tarzan
[analfabeto
e de tanga na casa de madeira-e-zinco
da estrada do Zichacha onde eu nasci.

Pai:
Afinal tu e minha mãe não morreram ainda bem
mas sim os símbolos Texas Jack vencedor dos índios
o Tarzan agente disfarçado em África
e a Shirley Temple de sofisma nas covinhas da face
e eu também é que mudámos.
E alinhavadas palavras como se fossem versos
bandos de sécuas ávidos sangrando grãos de sol
no tropical silo de raivas eu deixo nesta canção
para ti, meu Pai, minha homenagem de caniços
agitados nas manhãs de bronze
chorando gotas de uma cacimba de solidão nas
[próprias
almas esguias hastes espetadas nas margens das
[húmidas
ancas sinuosas dos rios.

E nestes versos te escrevo, meu Pai
por enquanto escondidos teus póstumos projectos
mais belos no silêncio e mais fortes na espera
porque nascem e renascem no meu não cicatrizado
ronga-ibérico mas afro-puro coração.
E fica a tua prematura beleza realgarvia
quase revelada nesta carta elegia para ti
meu resgatado primeiro ex-português
número UM Craveirinha moçambicano!

JOSÉ CRAVEIRINHA
MOÇAMBIQUE

I

AVE-MARIAS

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba:
E os edifícios, com as chaminés, e a turba,
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países,
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês voam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas:
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

Cesário Verde
Portugal

Não mais sob a árvore de Bô

Não mais a pureza de Ramahyana
o incenso e o sândalo
os pés nus nas pedras do templo

enquanto eles comerem na minha mesa
na velha casa de Dili
não mais me sentarei sob a árvore de Bô

Jorge Lauten
Timor

Poema do pacto de sangue

Nobres há muitos. É verdade.
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.
Verdade que com um lenço velho
As nossas mãos foram enlaçadas.

Nós, como aliados eu digo.
Panos, só um, tal qual afirmo.
A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.

Água de Héler! Pelo vaso sagrado!
Nunca esqueça isto o aliado.
Juntos, combater, eu quero!
Com o aliado, derrotar, eu quero!

A lua ilumina o meu feitio.
O sol ilumina o aliado.
Poderemos, talvez, ser derrotados
Ou combatidos, mas somente unidos.

Traduzido por Ruy Cinatti
Portugal/Timor *

* Durante uma das suas estadas em Timor, Ruy Cinatti celebrou um pacto de sangue com o chefe de uma linhagem timorense. Por isso, daí em diante, segundo os usos e tradições de Timor, passou ele próprio a ser simultaneamente português e timorense, facto que nunca esqueceu.

Mãos

Mãos que moldaram em terracota a beleza
[e a serenidade do Ifé.
Mãos que na cera perdida encontram
[o orgulho perdido do Benin.
Mãos que do negro madeiro extraíram a chama das
[estatuetas olhos de vidro
e pintaram na porta das palhotas ritmos sinuosos de
[vida plena:
plena de sol incendiando em espasmos as estepes do
[sem-fim
e nas savanas acaricia e dá flores às gramíneas da
[fome.
Mãos cheias e dadas às labaredas da posse total da
[Terra,
mãos que a queimam e a rasgam na sede de chuva
para que dela nasça o inhame alargando os quadris
[das mulheres
adoçando os queixumes dos ventres dilatados das
[crianças
o inhame e a matabala, a matabala e o inhame.

Mãos negras e musicais (carinhos de mulher parida)
[tirando da pauta da Terra
o oiro da bananeira e o vermelho sensual do andim.
Mãos estrelas olhos nocturnos e caminhantes no
[quente deserto.
Mãos correndo com o harmatan nuvens de
[gafanhotos livres
criando nos rios da Guiné veredas verdes de
[ansiedades.
Mãos que à beira-do-mar-deserto abriram Kano à
[atracção dos camelos da aventura
e também Tombuctu e Sokoto, Sokoto e Zária
e outras cidades ainda pasmadas de solenes emires
[de mil e mais noites!

Mãos, mãos negras que em vós estou pensando.

Mãos Zimbabwe ao largo do Índico das pandas velas
Mãos Mali do sono dos historiadores da civilização
Mãos Songhai episódio bolorento dos Tombos
Mãos Ghana de escravos e oiro só agora falados
Mãos Congo tingindo de sangue as mãos limpas das
[virgens
Mãos Abissínia levantadas a Deus nos altos planaltos:
Mãos de África, minha bela adormecida, agora acordada
[pelo relógio das balas!

Mãos, mãos negras que em vós estou sentindo!

Mãos pretas e sábias que nem inventaram a escrita
[nem a rosa-dos-ventos
mas que da terra, da árvore, da ăgua e da música
[das nuvens
beberam as palavras dos corás, dos quissanges e das
[timbilas que o mesmo é
dizer palavras telegrafadas e recebidas de coração em
[coração.
Mãos que da terra, da árvore, da água e do coração
[tantã
criastes religião e arte, religião e amor.

Mãos, mãos pretas que em vós estou chorando!

FRANCISCO JOSÉ TENREIRO
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A CRIANÇA RECÉM-NASCIDA
(VIDA E MORTE SEVERINA)

— De sua formosura
já venho dizer.
É um menino magro,
de muito peso não é.
Mas tem o peso de homem
de obra de ventre de mulher.
— De sua formosura
deixai-me que diga.
É uma criança pálida,
é uma criança franzina.
Mas tem a marca de homem,
marca de humana oficina.

— Sua formosura
deixai-me que cante.
É um menino guenzo
como todos os destes mangues.
Mas a máquina do homem
já bate nele, incessante.
— Sua formosura
eis aqui descrita.
É uma criança pequena,
pálida e setemesinha.
Mas as mãos que multiplicam
nas suas já se adivinha.
— De sua formosura
deixai-me que diga.
É belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.

— De sua formosura
deixai-me que diga.
Belo como o avelós
contra o agreste de cinza.
— De sua formosura
deixai-me que diga.
Belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.
— De sua formosura
deixai-me que diga.
É tão belo como um sim
numa sala negativa.

— É tão belo como a soca
que os canaviais multiplica.
— Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
— É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.
— Belo porque tem do novo
o frescor e a alegria.
— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.

— Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
— Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.
— E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
— E belo porque corrompe
com o sangue novo a anemia.
— Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
— Com oásis o deserto,
com ventos a calmaria.

João Cabral de Melo Neto
Brasil

Glossário

A

Alforge — espécie de saco.
Ameaço — ameaça.
Archeiro — soldado que combate com arco e flechas.
Avatar — encarnação de um deus quando vem à terra.
Avelanas — avelãs.
Avelaneiras — árvores que dão avelãs.
Aquestas — o mesmo que estas.

B

Batuque — dança africana.

C

Calei — indivíduos que, junto de alguns sobas angolanos, dão audiência permanente ao povo.
Caleic — nome de uma trepadeira de Timor.
Corá — instrumento musical.

E

Escarlata — tecido.

G

Guenzo — adoentado, enfraquecido.

H

Hana-caleic — jogo que consiste em atirar pedrinhas às favas da trepadeira chamada caleic.
Harmatan — vento que sopra na costa da Guiné, entre os meses de Dezembro e Fevereiro.

I

Inhame — tubérculo comestível semelhante à batata.
Ingazeira — árvore leguminosa americana.
Irmana — forma antiga de irmã.

L

Lao-rai — jogo de Timor que as crianças jogam no chão com sementes e pedrinhas.
Ledo — feliz.
Luando — esteira feita com folha de palmeira.

M

Maboque — árvore de Angola.
Matabala — tubérculo comestível.
Mangue — margem lodosa de portos ou rios, onde chega a água salgada; qualquer planta que cresce nesse lugar.
Mor — forma antiga de maior.
Moringue — bilha.
Mui — forma antiga de muito.
Mulemba — espécie de grande figueira de Angola.

P

Pitanga — fruta africana.

Q

Quissange — instrumento musical.
Quitanda — ponto de venda de frutas e legumes.
Quitandeira — mulher que vende na quitanda.
Quitenda — cesto de vendedeiras.
Quitende — espécie de mercado onde se vende frutas e legumes.

R

Ramahyana — poema épico da Índia antiga que narra as aventuras do rei guerreiro Rama, que terá vivido nos séculos VIII ou VII antes de Cristo. O poeta timorense Jorge Lauten invoca essa mesma época no poema «Não mais sob a árvore de Bô», e compara a pureza do viver tradicional timorense com a pureza de que fala o Ramahyana.

S

Santa Arca — arca sagrada dos israelitas, onde guardavam as Tábuas da Lei.

T

Tantã — música de tambores.
Testo — tampa de pote ou bilha.
Tetrarca — governador da Judeia no tempo dos romanos.
Timbila — instrumento musical.

V

Verrá — o mesmo que virá.
Vasquinha — saia de pregas.

X

Xuaxalhar — murmurar.

H

Hana-caleic — jogo que consiste em atirar pedrinhas às favas da trepadeira chamada caleic.
Harmatan — vento que sopra na costa da Guiné, entre os meses de Dezembro e Fevereiro.

I

Inhame — tubérculo comestível semelhante à batata.
Ingazeira — árvore leguminosa americana.
Irmana — forma antiga de irmã.

L

Lao-rai — jogo de Timor que as crianças jogam no chão com sementes e pedrinhas.
Ledo — feliz.
Luando — esteira feita com folha de palmeira.

M

Maboque — árvore de Angola.
Matabala — tubérculo comestível.
Mangue — margem lodosa de portos ou rios, onde chega a água salgada; qualquer planta que cresce nesse lugar.
Mor — forma antiga de maior.
Moringue — bilha.
Mui — forma antiga de muito.
Mulemba — espécie de grande figueira de Angola.

P

Pitanga — fruta africana.

Q

Quissange — instrumento musical.
Quitanda — ponto de venda de frutas e legumes.
Quitandeira — mulher que vende na quitanda.
Quitenda — cesto de vendedeiras.
Quitende — espécie de mercado onde se vende frutas e legumes.

R

Ramahyana — poema épico da Índia antiga que narra as aventuras do rei guerreiro Rama, que terá vivido nos séculos VIII ou VII antes de Cristo. O poeta timorense Jorge Lauten invoca essa mesma época no poema «Não mais sob a árvore de Bô», e compara a pureza do viver tradicional timorense com a pureza de que fala o Ramahyana.

S

Santa Arca — arca sagrada dos israelitas, onde guardavam as Tábuas da Lei.

T

Tantã — música de tambores.
Testo — tampa de pote ou bilha.
Tetrarca — governador da Judeia no tempo dos romanos.
Timbila — instrumento musical.

V

Verrá — o mesmo que virá.
Vasquinha — saia de pregas.

X

Xuaxalhar — murmurar.

H

Hana-caleic — jogo que consiste em atirar pedrinhas às favas da trepadeira chamada caleic.

Harmatan — vento que sopra na costa da Guiné, entre os meses de Dezembro e Fevereiro.

I

Inhame — tubérculo comestível semelhante à batata.

Ingazeira — árvore leguminosa americana.

Irmana — forma antiga de irmã.

L

Lao-rai — jogo de Timor que as crianças jogam no chão com sementes e pedrinhas.

Ledo — feliz.

Luando — esteira feita com folha de palmeira.

M

Maboque — árvore de Angola.

Matabala — tubérculo comestível.

Mangue — margem lodosa de portos ou rios, onde chega a água salgada; qualquer planta que cresce nesse lugar.

Mor — forma antiga de maior.

Moringue — bilha.

Mui — forma antiga de muito.

Mulemba — espécie de grande figueira de Angola.

P

Pitanga — fruta africana.

Q

Quissange — instrumento musical.

Quitanda — ponto de venda de frutas e legumes.

Quitandeira — mulher que vende na quitanda.

Quitenda — cesto de vendedeiras.

Quitende — espécie de mercado onde se vende frutas e legumes.

R

Ramahyana — poema épico

da Índia antiga que narra as aventuras do rei guerreiro Rama, que terá vivido nos séculos VIII ou VII antes de Cristo. O poeta timorense Jorge Lauten invoca essa mesma época no poema «Não mais sob a árvore de Bô», e compara a pureza do viver tradicional timorense com a pureza de que fala o Ramahyana.

S

Santa Arca — arca sagrada dos israelitas, onde guardavam as Tábuas da Lei.

T

Tantã — música de tambores.
Testo — tampa de pote ou bilha.
Tetrarca — governador da Judeia no tempo dos romanos.
Timbila — instrumento musical.

V

Verrá — o mesmo que virá.
Vasquinha — saia de pregas.

X

Xuaxalhar — murmurar.

Posfácio

Este livro não é uma antologia e muito menos uma antologia panorâmica. Constituído por obras de poetas de todos os países de língua oficial portuguesa, é um livro de iniciação, destinado à infância e à adolescência e onde procurei reunir poemas que, sendo verdadeira poesia, sejam também acessíveis.

É possível que muitos considerem este livro difícil. Mas a cultura é feita de exigência. Por isso afastei o infantilismo, o simplismo. Uma criança é uma criança mas não é um pateta.

Organizei a minha escolha começando pelos poemas mais simples e caminhando de página em página até ao tempo da adolescência.

Não fiz divisões etárias. Nunca sabemos bem o que uma criança entende ou não entende e quais os caminhos do seu entendimento. Aliás, como os adultos, as crianças são diferentes umas das outras. As mais sensíveis às imagens, ao ritmo, às assonâncias e ressonâncias, terão do poema uma percepção mais precoce. O livro está por isso aberto a todos para que a todos esteja aberto o acesso à sua plena possibilidade.

Espero que estes poemas sejam lidos em voz alta, pois a poesia é oralidade. Toda a sua construção, as suas rimas, os jogos de sons, a melopeia, a síntese, a repetição, o ritmo, o número, se destinam à dicção oral.

A poesia é a continuação da tradição oral. E é mestra da fala: quem, ao dizer um poema, salta uma sílaba, tropeça, como quem ao subir uma escada falha um degrau.

Por isso, para que a leitura em voz alta se entenda e seja bela, é necessário que a dicção seja clara, nítida, bem silabada e bem ritmada. As diferenças de sotaque não criam problema algum, pois cada sotaque tem a sua beleza própria.

E é importante aprender o poema de cor, pois o poema decorado fica connosco e vai-nos revelando melhor, sempre que o repetimos, o seu sentido e a beleza da sua linguagem e da sua construção.

Partindo da possibilidade criada por uma língua comum, este livro é um lugar de encontro onde ponho lado a lado poemas de diversas nações, diversos continentes e diferentes culturas. Tentei destacar o que há de particular e o que há de universal em cada povo. Se os poemas portugueses são mais numerosos não é porque eu queira privilegiar a poesia do meu país mas porque tive de escolher ao longo de quase nove séculos de escrita.

Em África como em Timor, os poemas que as crianças e os jovens ouvem desde a primeira infância são poemas em línguas africanas ou timorenses e que pertencem às riquíssimas e antigas tradições desses povos. Por outro lado, dada a actual dificuldade na cir-

culação de livros, para ler tudo quanto em língua portuguesa se tem publicado em todos os países de língua oficial portuguesa, seria necessário uma longa e difícil investigação que não está dentro das minhas possibilidades.

Aliás, a dificuldade em encontrar poesia timorense e africana própria para a infância foi uma das razões que contribuiu para, neste primeiro livro, eu dar um espaço maior à poesia para a adolescência — que aliás foi quase sempre escolhida entre obras para adultos. Num livro mais infantil a grande maioria dos textos seria quase só brasileira e portuguesa, o que viria a diminuir a diversidade que nesta selecção busquei. Por isso, dentro da informação que estava ao meu alcance, tentei fazer o livro possível, sabendo que, necessariamente, teria lacunas.

Mas penso que este primeiro passo abre um caminho e outros poderão, dentro do mesmo esquema ou de esquemas aproximados, fazer obras mais completas.

Comecei a «arquitectar» este livro pouco depois de se iniciar a publicação dos três volumes do *Caliban* de Manuel Ferreira, obra fundamental que constantemente consultei e me inspirou e à qual fui buscar a maioria dos poemas africanos que escolhi. Ao longo de mais de dez anos fiz e refiz, escolhi e retirei, substituí e acrescentei e, várias vezes, perante as dificuldades encontradas, parei e adiei. Finalmente em 1989 combinei com a Caminho a publicação do presente volume. Poucos meses mais tarde, já em 1990, num encontro no Ministério da Educação para o qual tinham sido con

vidados vários escritores de literatura infantil, o ministro Roberto Carneiro, falando de alguns projectos do seu Ministério, mencionou a intenção de publicar uma antologia para a infância. Quando no diálogo chegou a minha vez de falar achei mais leal dizer que eu tinha já pronto um livro semelhante, explicando que nele incluí obras dos oito países de língua portuguesa. O ministro (cito de cor) disse: «Então não faremos outro livro.»

Por isso a 1.ª edição deste livro teve o apoio do Ministério da Educação, apoio que veio contribuir para que os poemas aqui reunidos pudessem chegar àquelas crianças e adolescentes a quem a minha escolha tenta propor um horizonte vasto, múltiplo, diverso, aberto.

Não quis fazer um livro de ensino mas apenas mostrar o poema em si próprio. Pois creio que só a arte é didáctica.

Sophia de Mello Breyner Andresen

ISBN 972-21-0597-3